



Marcia Kupstas



Eu te gosto, você me gosta

Ilustrações: Evandro Luiz

Conforme a nova ortografia

 **Atual**
Editora

23ª edição

Série Entre Linhas

Editor • Henrique Félix

Assistente editorial • Jacqueline F. de Barros

Preparação de texto • Lúcia Leal Ferreira

Revisão de texto • Pedro Cunha Jr. e Lilian Semenichin (coords.)/Elza M. Gasparotto
Célia R. do N. Camargo/Maria Cecília K. Caliendo/Edilene M. dos Santos

Gerente de arte • Nair de Medeiros Barbosa

Coordenação de arte • José Maria de Oliveira/Marco Aurélio Sismotto

Diagramação • MZolezi

Projeto gráfico de capa e miolo • Homem de Melo & Troia Design

Suplemento de leitura e projeto de trabalho interdisciplinar • Maria Sylvia Corrêa

Impressão e acabamento •

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kupstas, Marcia

Eu te gosto, você me gosta / Marcia Kupstas ;
ilustrações Evandro Luiz. – São Paulo : Atual,
2003. – (Entre Linhas: Adolescência)

Inclui roteiro de leitura.

ISBN 978-85-357-0315-3

1. Literatura infantojuvenil I. Luiz, Evandro.
II. Título. III. Série.

02-6012

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

Copyright © Marcia Kupstas, 1988.

SARAIVA S.A. Livreros Editores

Av. Henrique Schaumann, 270 – Pinheiros

05413-010 – São Paulo – SP

Todos os direitos reservados.

SAC | 0800-0117875
De 2ª a 6ª, das 8h30 às 19h30
www.editorasaraiva.com.br/contato

23ª edição/6ª tiragem
2014

812541.023.006

Sumário



Elas 5

Maresia 6

Dia dos namorados 10

Recreio 13

Aula extra 16

Maria Clara 20

Olhos verdes 23

Um carnaval dos diabos 27

Fora de temporada 31

Um presente para Ana 35

Eles 39

Primeiro encontro 40

O chiclete 47

Tem de ser em maio 51

Caretão 55

O brinde 59

Jogo no fim da tarde 66

A autora 70

Entrevista 71



Elas



Maresia



Não havia espelho na barraca. Nenhum, nem desses pequenos, de bolsa. E eu sentia que minhas pernas cresciam, exibidas no *short* de bolinha. A Bete saiu, ainda me perguntou: “Você não vem?” Inventei que ia pentear o cabelo, qualquer bobagem. O que queria mesmo era chorar. A camiseta era larga – tudo bem. O tênis escondia aquele pé redondo, horroroso. E as pernas? O que a gente faz com pernas, se está de *short*?

Sempre me falaram que quando a gente não é bonita tem de ser inteligente. É bem mais fácil ser bonita, é verdade: era só olhar a Marinha, ou a Renata – elas podiam ter acabado a aula de Educação Física, elas chegavam debaixo de chuva na escola, tomavam sorvete escorrendo pelo queixo – e continuavam bonitas. Eu? Ah! Três horas de cabeleireiro, quilômetros atrás de butique, e a roupa caía mal, o cabelo continuava espetado.

E gorda. Isso sim era o pior de tudo no mundo. Eu enchia a bochecha pra falar: goooorda. A própria palavra *gorda*, redonda, imensa, me encarando e acusando dentro do espelho. Era isso, dona Gabi: 15 anos, 1,62 m, e o peso... nem dava pra falar.

E se a gente é feia, tem de usar outro truque. Pelo menos, o que sempre me falaram: ser inteligente. Duplamente inteligente. Primeira aluna da classe. Interesse por leitura, jornal. Fazer os trabalhos mais criativos, participar do grêmio do colégio. O que também acabava trazendo as coisas chatas: recitar poema no 7 de Setembro; representar os alunos em festa da Diretoria; ser exibida pela mãe como um bicho raro e no meio da festa atacar de poesia nos convidados.

Não, eu não queria ser assim. Talvez apenas quisesse ser bonita. Isso, eu achava impossível. Ou quisesse ser feliz. E pra dizer a verdade, com 15 anos, sem namorado, muitas aulas, uma mãe que insistia em me tratar como criança, minha maior felicidade seria um *sundae* cheio de frutas e caramelo.

Até o dia do piquenique. Foi o Chen que me procurou, dizendo que a turma tinha resolvido ir à praia no domingo. O piquenique. A praia. Meus amigos. E as pernas de fora, no *short*.

Dentro da barraca, o calor era maior. Uma sauna. Senti que logo, logo ia estar com aquela mancha de suor debaixo do braço. Dona Gabi. Deixa de onda! São seus amigos, todo mundo sabe que você é gorda. E nem ligam. Gostam de você mesmo sendo gorda, e daí? Ataquei um canto da unha do mindinho e puxei com os dentes. Ainda essa, voltar a roer unha? Já não havia largado o vício? Todo mundo te conhece. Todo mundo. Mas *ele* não.

Foi uma guerra convencer a mãe e as mães dos amigos. Afinal, éramos oito gatos e gatinhas solitários, dia inteiro numa praia deserta. Claro que não íamos dormir fora, qualquer sugestão nesse sentido mataria alguns familiares do coração. Mas só o fato de que estaríamos so-zinhos... nosso grupo. Éramos amigos, o pessoal que fazia uma revista literária na escola, os mais inteligentes, os mais legais...

Mas *ele* também foi. Era o que dirigia um dos carros, aliás. Primo da Judite, tinha feito 18 anos, estava no cursinho. Lindo. Não me lembro de ter visto alguém tão bonito – com corpo atlético, loiro, até os pelinhos das pernas eram loiros. Ele dirigiu até Caraguá de *short*, e naquele sufoco de quem senta aqui e ali, eu sobrei bem do seu lado, no banco da frente.

E agora, ali. Todo mundo rindo e brincando do lado de fora. A barraca parecia banho turco – não vou sair. Não vou. Nem que a Judite, o Chen, a Rogéria, o Carlos venham pedir. Nem que...

– Você não vem mais, Gabi? Eu queria tirar fotografia.

Era *ele*. Sorriso e olhos brilhantes. Avermelhei inteira, acho que as minhas coxas também ficaram “ruborizadas”, como aparece nos textos de literatura. Se é que isso é possível! Mas ficaram. E ele me colocou a mão no ombro, quando saímos da barraca, e eu fui andando feito um fantasma, como se meu corpo tivesse ficado em alguma outra parte do universo, até o grupo de amigos, fazendo pose pra foto.

Apesar do sol, a água ainda estava muito gelada. Só o Júlio – mas o Júlio é exibido! – se atreveu a tirar a camisa e correr até o mar, voltando arrepiado. Eu me ofereci pra fazer os sanduíches. E *ele* veio ajudar. Senti que os olhos dele vinham mais para mim do que para a maionese, mas que coisa! Ele não via que todas as garotas lá eram bonitas, eram magras, por que ele precisava me vigiar assim?

Estendi o pão com maionese para ele, seus dedos encostaram nos meus e lá se foi o pão melecado misturando-se na areia.

– Pão com areia não dá! Deixa que eu jogo fora.

Ele devia estar percebendo tudo. Eu suave, meu cabelo grudando na testa. Finalmente, apareceu a Rogéria pra me ajudar e o Chen pegou o violão.

Eram umas quatro da tarde, barriga cheia e muito papo depois, quando o Júlio sugeriu um passeio. A maioria preferia a preguiça de olhar o céu e aquele mar exibido no seu azul. Carlos disse que ia junto. *Ele* também se levantou. Olhou para mim:

– Você não vem?

Fomos. E era engraçado, nossos passos indo devagar, num ritmo parecido, nossos cabelos mexidos pelo vento. Júlio e Carlos, parecendo dois moleques, se jogando areia e ameaçando dar tapa um no outro. Nós não: éramos – o que era muito, muito estranho – um casal. E meu coração foi-se acalmando, nossas mãos tão perto uma da outra. O pessoal bem longe, apenas nossa barraca, explodindo no seu vermelho, a praia sendo só da gente.